

“A não ser quando ele está vermelho”: Hipótese redacional de Levítico 15

Oswaldo Luiz Ribeiro ¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v11i32.40179>

Resumo: O artigo tem por objetivo analisar histórico-socialmente o texto hebraico de Levítico 15. Os procedimentos teórico-metodológicos correspondem à análise da raiz hebraica נור a) em dicionários de hebraico, b) na Bíblia Hebraica, particularmente, em Levítico 15, c) bem como em dado conjunto da literatura especializada. A hipótese que se defende é que, em seu atual estado redacional, Levítico 15 corresponde à reformulação sacerdotal de um conjunto original de prescrições para cinco casos de tabus masculinos e femininos: a) doença venérea masculina, b) emissão solitária de sêmen, c) coito entre homem e mulher, d) doença venérea feminina e e) menstruação. Por meio de intervenções precisas ao texto original, a reformulação sacerdotal converte a prescrição para doença venérea feminina em prescrição para menstruação, e, por conseqüente redundância, a anterior e original prescrição para menstruação em prescrição para disfunção hemorrágica genital. Por hipótese, no contexto de enfrentamento entre a liderança sacerdotal da golah e a liderança campesina feminina, a reformulação sacerdotal de Levítico 15 atende à estratégia sacerdotal de intervir no imaginário da população até então sob aquela liderança. À custa da desconfiguração da isometria original de Lv 15, a universalização da impureza do sangue genital feminino responderia à tática sacerdotal de superavaliar a impureza feminina, para interditar o seu serviço religioso e desautorizar sua liderança sobre a população de Judá.

Palavras-chave: Interpretação histórico-social da Bíblia Hebraica; Levítico 15; impureza; liderança feminina na Bíblia Hebraica; exegese da Bíblia Hebraica

“Except when it is red”: hypothesis about the writing of Leviticus 15

Abstract: The purpose of this article is to analyze the Hebrew text of Leviticus 15 in a social-historical perspective. The theoretical-methodological procedures correspond to the analysis of the Hebrew root נור in Hebrew dictionaries, in the Hebrew Bible, and particularly in Leviticus 15, as well as in a given set of specialized literature. The hypothesis that is defended is that, in its current state, Leviticus 15 corresponds to the reformulation of an original set of prescriptions for five cases of masculine and feminine impurity: a) male venereal disease, b) solitary emission of semen, c) coitus between men

¹ Coordenador do Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida. Email: osvaldo@faculdadeunida.com.br.

and women, d) female venereal disease and e) menstruation. Through precise interventions to the original text, priestly writing converts the prescription for female venereal disease into prescription for menstruation and the previous and original prescription for menstruation, for consequent redundancy, in prescription for genital hemorrhagic dysfunction. The priestly reformulation of Leviticus 15 responds to the priestly strategy of intervening in the popular culture in the context of confrontation between the priestly leadership of the *golah* and the female peasant leadership. The universalisation of impurity of female genital blood at the expense of the deconfiguration of the original isometry of the law responds to the priestly tactic of overvaluing female impurity, to interdict its religious service, and to disown female leadership over the population of Judah.

Keywords: historical-social interpretation of the Hebrew Bible; Leviticus 15; impurity; female leadership in the Hebrew Bible; exegesis of the Hebrew Bible

“A no ser cuando está rojo”: hipótesis sobre la redacción de Levítico 15

Resumen: El artículo tiene por objetivo el análisis histórico-social del texto hebreo de Levítico 15. Los procedimientos teórico-metodológicos corresponden al análisis de la raíz hebrea נזר a) en los diccionarios de hebreo, b) en la Biblia Hebrea, particularmente en Levítico 15, c) así como en el conjunto de la literatura especializada. La hipótesis que se defiende es que, en su actual estado redaccional, Levítico 15 corresponde a la reformulación sacerdotal de un conjunto original de prescripciones para cinco casos de tabúes masculinos y femeninos: a) enfermedad venérea masculina, b) emisión solitaria de semen, c) coito entre hombre y mujer, d) enfermedad venérea femenina y e) menstruación. Por medio de intervenciones precisas al texto original, la reformulación sacerdotal convierte la prescripción para enfermedad venérea femenina en prescripción para menstruación, y, por consiguiente redundancia, convierte la anterior y original prescripción para menstruación en prescripción para disfunción hemorrágica genital. Por hipótesis, en el contexto de enfrentamiento entre el liderazgo sacerdotal del *golah* y el liderazgo campesino femenino, la reformulación sacerdotal de Levítico 15 atiende a la estrategia sacerdotal de intervenir en el imaginario de la población hasta entonces bajo ese liderazgo. al costo de la desconfiguración de la isometría original de Lv 15, la universalización de la impureza de la sangre genital femenina respondería a la táctica sacerdotal de sobrevalorar la impureza femenina, para interdictar su servicio religioso y desautorizar su liderazgo sobre la población de Judá.

Palabras clave: Interpretación histórico-social de la Biblia Hebrea; Levítico 15; impureza; liderazgo femenino en la Biblia Hebrea; Exégesis de la Biblia Hebrea

Recebido em 24/10/2017 - Aprovado em 13/03/2018

We have seen that the mindset of Israelite religious culture, as represented in the rules of the priestly cult of the Jerusalem Temple, viewed women (even those of the priestly caste) as ineligible to enter the Divine Presence. This gender disqualification is a separate issue from the requirement of membership in the hereditary priestly class that actually administers the cult, as was clearly demonstrated in the paradigm of the the צַדִּיק and the זָכָה (Judith Romney Wegner).

O corrimento (...) (da mulher) não é considerado um fluxo para impurificar, a não ser quando ele está vermelho (Rashi).

Introdução

Frisando realmente a palavra *hipótese*, a hipótese de fundo do presente artigo é que a amiúde aventada revisão editorial de Levítico 15² deu-se de um modo muito específico e por razões muito precisas. Quanto ao modo, pretende-se defender a ideia de que o que atualmente constitui Levítico 15 era, originalmente, uma composição absolutamente espelhada. O que na reformulação sacerdotal foi transformado em prescrição para casos de menstruação (Lv 15,19-24), no estado original da composição, se tratava de doença venérea feminina, referida, como se verá, pelo termo hebraico empregado para descrever o “fluxo” venéreo genital (זָכָה). O que na reformulação sacerdotal foi transformado em disfunção hemorrágica genital feminina (Lv 15,25-30), no estado original da composição se tratava de menstruação. Na origem, tratava-se de uma “lei” que descrevia procedimentos rituais para os casos equivalentes de tabus genitais masculinos e femininos (doença venérea, para homem e para mulher, ejaculação solitária, para ele, menstruação, para ela, e coito, para ambos conjuntamente). Para fazer com que essa indiciariamente³ hipotética composição passasse a descrever o que atualmente ela descreve, igualmente por meio de hipótese indiciária, postula-se que o redator ou os redatores tenham apenas acrescentado alguns elementos ao texto original, conforme

² A despeito da muito particular especificidade do tipo de hipótese de reformulação da narrativa original que aqui se propõe, demonstradas ou não, hipóteses de constituição redacional de textos bíblicos não são novidade na pesquisa, de sorte que aqui não deve ser tomada como uma excepcionalidade. Para o caso de Levítico 15, podem-se encontrar argumentos no sentido de glosas e alterações redacionais, por exemplo, em: MAGONET, 1996, p. 148-149; WARNING, 1999, p. 106; GERSTENBERGER, 1996, p. 205; GALLAZZI, 2002, p. 185; KAZEN, 2007, p. 368.

³ Teórico-metodologicamente, o trabalho exegético aplicado ao presente artigo constitui tentativa de aplicação dos princípios da investigação indiciária (GINZBURG, 1989, p. 143-188). O procedimento retórico-argumentativo do ensaio marca-se pela noção de “prova retórica” (GINZBURG, 2002).

adiante se poderá acompanhar. Quanto às razões para tal procedimento, hipotéticas também, sugere-se ter-se tratado da tática sacerdotal judaíta para, em contexto pós-exílico, a partir de um marcador somático exclusivo do universo feminino – o sangue genital – acentuar a condição de “impureza” exclusiva da mulher, para, estrategicamente, promover sua interdição ao ofício religioso. Sempre em termos de hipótese, a referida tática teria feito parte do arsenal estratégico sacerdotal de enfrentamento da liderança campesina feminina, que não se teria submetido à autoridade e às injunções dos líderes sacerdotais do templo jerosolimitano recém-construído. Começando pela análise da raiz hebraica que é objeto da intuição que preside o argumento do presente ensaio, e concluindo pela hipótese da interdição da mulher ao ofício religioso na Judá pós-exílica, o presente exercício exegético pretende analisar as discrepâncias textuais que, indiciariamente, sustenta a hipótese.

As atualizações verbais e nominais da raiz זִוַּב na Bíblia Hebraica

Uma vez que a intuição que organiza os argumentos do presente artigo passa diretamente pelo termo hebraico זִוַּב, parece aconselhável começar por sua análise. Quando, pois, para se tomar conhecimento dos sentidos potenciais da raiz hebraica זִוַּב, se consulta aquele que se pode considerar um dos melhores dicionários de hebraico bíblico publicados no Brasil, dentre outras atualizações e sentidos, para sua atualização verbal se encontrará “*ter, sofrer fluxos* ([indistintamente⁴] menstruação, gonorreia, hemorragia)”, e para sua atualização substantiva se encontrará “menstruação, gonorreia, hemorragia” (ALONSO-SHCÖKEL, 1997, p. 190 e 191). A despeito de Chouraqui advertir quanto a possível equívoco na identificação da doença venérea em questão como sendo gonorreia (CHOURAQUI, 1996, p. 168), no presente artigo não se considerará relevante a precisão⁵, de sorte que a referência será sempre a “doença venérea”.

A faculdade da raiz hebraica em questão poder indicar, de um lado, determinado tipo de doença venérea *masculina*, e, de outro, menstruação, poderá ser flagrada, se não em

⁴ A ressalva é do pesquisador, para chamar a atenção quanto ao fato de que o dicionário trata a substância do fluxo como indistintamente relacionada tanto à menstruação e hemorragia genital quanto a doenças venéreas. Antecipando o resultado do levantamento, deve-se ter em mente que os verbetes dos dicionários e léxicos operam a partir do estado atual de Lv 15, com consequências importantes para a elaboração dos sentidos potenciais postulados para זִוַּב.

⁵ “São inúmeros os críticos que pensam que esse fluxo é uma gonorreia. Os antigos achavam que o corrimento uretral da blenorragia era uma espermatorreia; daí o nome dessa doença: זָוַב, “fluxo” (CHOURAQUI, 1996, p. 168). Para doenças venéreas na Bíblia Hebraica, inclusive em Lv 15, cf. WILLCOX, 1949, p. 28-33.

todos, ao menos na maioria dos dicionários disponíveis no país, e nenhum deles anotarà a observação de que o fenômeno é, no mínimo, curioso. Por exemplo, se a consulta se der em outro dicionário também traduzido para a Língua Portuguesa, o resultado é muito próximo do anteriormente citado: para o substantivo, “emissão mucosa de um homem (*gonorreia benigna*) (...)”, emissão de sangue de uma mulher (dentro e fora do período menstrual)”, e, para o verbo, “sofrer emissão (...) um homem (*gonorreia*) (...), uma mulher (menstruação)” (HOLLADAY, 2010, p. 123). A mesma situação se dará com o respeitável dicionário organizado por Clines e publicado pela Sheffield, não traduzido para o vernáculo: para verbo, “have discharge, of woman, in ref. to menstruation”, e, para o substantivo, “discharge (...) from man (...) venereal disease (...), from woman (...) menstrual and other blending” (CLINES, 1996, p. 95). Em sua vigésima sétima edição, o dicionário elaborado por eminentes teólogos e biblistas brasileiros confirmaria os sentidos já apresentados. Sempre sem detrimento de outros sentidos arrolados, “sofrer corrimento (*gonorreia, menstruação*)”, se verbo, e, se substantivo, “corrimento do homem, *gonorreia*; corrimento sanguíneo da mulher (dentro ou fora do período regular)” (KIRST e outros, 2013, p. 57-58). Anote-se que mesmo um dicionário que se apresenta como “pequeno” vincula o sentido do verbo também a fluxo de sangue: “fluir, ter um fluxo (de sangue)”, e, para o substantivo, “fluxo (mucoso ou sanguíneo)” (MITCHEL, PINTO e METZGER, 2002, p. 75 e 98). Não parece ser uma questão de época, porque, em 1910, Feyerabend postulava os mesmos sentidos: para verbo, “to have a flux of blood”, e, para substantivo, “monthly courses; gonorrhoea” (FEYERABEND, 1910, p. 82-83). Por fim, se recorremos ao famoso BDB, o resultado se mostra exatamente o mesmo: para o verbo, “flow, of issue from woman”, ainda que, “usu(ally) of man”, e, para o substantivo, “flux (...) of man or woman (...), of monthy period” (BROWN, DRIVER e BRIGGS, 2010, p. 264). A julgar pelos dicionários consultados e citados, **וּנְזַף** serve para descrever tanto menstruação e disfunções hemorrágicas ginecológicas quanto doença venérea, mas, nesse caso, somente doença venérea *masculina*.

Por outro lado, há dicionários que não fazem referência ao material que flui ou à substância da descarga. Por exemplo, com uma concisão espantosa, que parece caracterizar seu dicionário, Fohrer nos informa, para o verbo, “(to) flow”, e para o substantivo, “discharge” (FOHRER, 1973, p. 69). Com a mesma concisão de Fohrer, para o substantivo, Klein sugere apenas o sentido de “flux”, e, para o verbo, depois de indicar cognatos em algumas línguas, sugere “it flowed, gushed, he had an issue” (KLEIN, 1987, p. 195). Sem os dicionários anteriores, a distinção entre fluxo gonorreico, para homens, e sangue genital, para mulheres, não vem à tona nos dicionários de Fohrer e Klein.

Por último, o respeitável dicionário publicado pela EDUSP, que, contudo, não lida especificamente com o “hebraico bíblico”, para o verbo, no campo semântico que nos interessa, apresenta “pessoa que sofre de doenças venéreas”, e, para o substantivo, “fluxo, secreção, gonorreia” (BEREZIN, 2003, p. 205 e 206). Ora, “pessoa que sofre de doenças venéreas” parece romper com a distinção anteriormente mencionada, quanto ao fato de os dicionários anteriormente citados terem indicado apenas doenças venéreas masculinas.

Pode-se concluir que o tratamento dispensado a זוב nos dicionários contemporâneos não é homogêneo. Alguns vinculam o termo hebraico tanto a fluxo de sangue ginecológico quanto a fluxo venéreo masculino, ao passo que outros simplesmente não especificam qualquer matéria relacionada ao fluxo, enquanto outros ainda vinculam indistintamente o termo a qualquer fluxo genital, sem, todavia, nesse caso, referir-se explicitamente a sangue. Originariamente, זוב se referia a que fenômeno fisiológico? Referia-se a algum tipo de doença venérea? Nesse caso, tanto masculina quanto feminina, ou só masculina? E, além de referir-se a algum tipo de doença venérea, referia-se também a fluxo menstrual? Como se viu, os dicionários consultados não resolvem a questão. Antes são eles mesmos que colocam a questão.

Convém, portanto, avaliar a atualização semântico-fenomenológica de זוב na própria Bíblia Hebraica⁶. Sua atualização se dá em mais de um campo semântico, dos quais nos interessa aqui apenas um. Primeiro, então, isolem-se aquelas ocorrências que compõem a clássica descrição da “terra santa”: “terra que mana leite e mel”. Em sua atualização “pura”, e respondendo pelo maior conjunto de ocorrências da raiz, a fórmula וְדָבַשׁ אֶרֶץ זָבַת חֵלֶב וְדָבַשׁ (“terra que mana leite e mel”) ocorre em Ex 3,8.17; 13,5; 33,3; Lv 20,24; Dt 6,3; 11,9; 26,9; 26,15; 27,3; Js 5,6; Jr 11,5; 33,22, e, com uma ou outra alteração na sua expressão, a mesma fórmula ocorre ainda em Nm 13,27; 14,8; 16,13.14; Dt 31,20 e Ez 20,6.15. Já como referência ao famoso episódio da rocha da qual verte água, a raiz é empregada em Sl 78,20; 105,41 e Is 48,21: bate-se na rocha “e fluem as águas” (וַיִּזְבּוּ מַיִם).

Pode-se acrescentar a esse conjunto de atualização semântica dispensado de aprofundamentos as ocorrências de Jr 49,4 e Lm 4,9, em que, respectivamente a raiz descreve as condições geográficas de um vale e o estado fisiológico de pessoas submetidas a uma severa fome.

⁶ Para uma discussão sobre o significado da raiz na Bíblia Hebraica e, em particular, Lv 15, cf. LEE, 2005, p. 81-83.

Em relação à Bíblia Hebraica, o campo de atualização semântica que aqui interessa investigar está representado por dois conjuntos de ocorrências, a um dos quais se fará referência mais adiante. É o caso de três ocorrências em que a raiz זָוַב participa da construção de uma espécie de hendíade: “o leproso e o que tem fluxo” (Lv 22,4; Nm 5,2 e 2 Sm 3,29), que, a julgar pelos dicionários consultados, parece tratar-se do binômio “doença de pele” e “doença genital”. O outro conjunto é constituído pelas ocorrências de um único capítulo da Bíblia Hebraica: Levítico 15. É, portanto, com Levítico 15 que devemos trabalhar.

A estrutura discursiva de Levítico 15 em seu estado atual

Em termos sincrônicos, e considerando-se o estado atual do texto hebraico contido na *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, a estruturação de Lv 15 pode ser concebida da seguinte forma. Os v. 1-2a constituem o preâmbulo da composição. Do v. 2b até o v. 15, a narrativa trata de casos que envolvam um homem que padeça de “fluxo”, que os dicionários consultados em geral interpretam como um tipo de doença venérea⁷. Os v. 16-17 tratam de casos ocasionais de ejaculação masculina solitária (SPRINKLE, 2000, p. 638). No centro da composição, o v. 18 menciona o caso de coito entre uma mulher e um homem⁸. Por sua vez, e, insista-se, *considerando-se o estado atual do texto*, os v. 19-24 são assumidos como se referindo a qualquer “mulher que esteja fluindo sangue” (v. 19a), interpretando-se ser precisamente o caso da menstruação. Encerrando a seção prescritiva propriamente dita, os v. 25-30 tratam do caso de mulher que sofre de algum tipo de disfunção hemorrágica ginecológica, ou, como quer Nicole Ruane, “uma mulher que sofre de um fluxo de sangue que não é menstrual (uma זָאָבָה)” (RUANE, 2013, p. 176)⁹. Como conclusão, os v. 31-33 encerram o capítulo. Em resumo, *se tomada a sua redação atual*, Lv 15 se referiria a cinco casos de “impureza”, assim distribuídos: dois casos de

⁷ Para uma lista de pesquisadores que assim interpretam a ocorrência, cf. LEE, 2005, p. 73. O próprio Lee, todavia, considera tratar-se de qualquer fluxo corporal, não exclusivamente genital. Excetuando-se o próprio Lee, todos os demais autores consultados pela pesquisa são partidários do sentido genital exclusivo de “fluxo”. Por exemplo, BIGGER, 1979, p. 195; SPRINKLE, 2000, p. 638.

⁸ Para uma longa argumentação de defesa da descaracterização do v. 18 tanto como centro da narrativa, quanto como referindo-se a coito, mas apenas a contato entre uma mulher e um homem em estado de impureza em decorrência de emissão de sêmen, nesse caso, atrelando o v. 18 aos v. 16-17, cf. GEHRING, 2013, p. 75-115. Para a interpretação do v. 18 como se referindo ao coito, cf. MEACHAM, 1999, p. 24 e KAZEN, 2007, p. 364; BIGGER, 1979, p. 195; SPRINKLE, 2000, p. 638.

⁹ Cf. MEACHAM, 1999, p. 24: “os versos 25-30 se referem a uma זָאָבָה, uma mulher com uma descarga uterina de sangue, fora de seu tempo de menstruação”.

impureza masculina, dois casos de impureza feminina e um caso de impureza conjuntamente masculina e feminina.

O quadro deve ser mais atentamente analisado, e, agora, quanto à presença da raiz hebraica em análise – זָוַב. Considerada a seção das “impurezas” masculinas, זָוַב ocorre apenas, e de forma nada econômica, na primeira seção (v. 2b-15), nos v. 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13 e 15, onde serve para fazer referência a algum tipo de doença venérea. זָוַב não ocorre na seção que trata das emissões seminais acidentais (v. 16-17) (LEE, 2005, p. 82). A raiz também não ocorre no v. 18, seção central da narrativa, que majoritariamente na pesquisa é tratado como se referindo à relação sexual entre mulher e homem. Já na seção das “impurezas” femininas, ainda que Meacham alegue haver, no texto de Lv 15, distinção entre uma “זָאָוָה”¹⁰ e uma mulher menstruada (MEACHAM, 1999, p. 24), a raiz ocorre tanto na seção seguinte à central (v. 19-24), no verso inicial da seção, v. 19, quanto na última seção prescritiva, v. 25-30, onde ocorre nos v. 25, 26, 28 e 30¹¹. A despeito da distinção que Meacham pressupõe e propõe, o fato é que textualmente (e sempre em razão do estado atual do texto hebraico de Lv 15), ambas as mulheres, tanto a mulher menstruada quanto a mulher que padece de disfunção hemorrágica genital, são referidas pela mesma raiz hebraica, זָוַב, de sorte que, se a segunda é uma “זָאָוָה”, então a primeira igualmente o é. Anotação muito relevante para o presente artigo, o que logo se verá, na seção que conclui Lv 15, a raiz aparece nos v. 32 e 33.

Observe-se que, enquanto ocorre apenas em uma das seções que envolvem a “impureza” masculina, e aí descreve um tipo de doença genital obviamente masculina, a raiz é empregada nas duas seções que tratam da “impureza” feminina, uma vez para descrever uma mulher menstruada, e outra vez para indicar uma mulher com hemorragia genital, *mas não para referir-se a alguma doença venérea feminina*, o que significaria concluir que, à luz da condição atual de Levítico 15, bem como à luz dos dicionários consultados, זָוַב se presta a indicar tanto um homem acometido de doença venérea (como o tratam os comentários, ele é um “זָאָוָה”), quanto para indicar uma mulher que sofra de disfunção hemorrágica genital ou que simplesmente se encontre no período menstrual (quando

¹⁰ Cf. a nota anterior.

¹¹ Kazen extrai inferências decorrentes do que aqui se acaba de observar: nos seus termos, זָאָבָה seria propriamente a mulher que sofre de disfunção hemorrágica genital, mas igualmente aplicada à mulher menstruada, o que é possível de se afirmar pelo fato de a raiz זָוַב ser empregada nas duas seções femininas (cf. KAZEN, 2007, p. 357). Advirta-se, todavia, que isso só é possível, *considerando-se o estado atual de Lv 15*.

então os comentários declaram que ela é uma “*zavab*”). Assim, devemos nos contentar com a conclusão de que um “*zav*” é um homem que sofre de doença venérea, ao passo que uma “*zavab*” é uma mulher que se encontra menstruada ou acometida de hemorragia genital. No mínimo curioso o duplo e distintivo tratamento.

Analisemos o quadro ainda sob outra perspectiva. Permanecemos tratando a narrativa a partir de seu estado atual. O que há de comum em cada uma das cinco situações de “impureza”? O que tornaria coesa e coerente a narrativa como um todo? Bem, a julgar inclusive pelo conjunto dos comentaristas que logo serão citados, bem como à luz do que até aqui foi apresentado, pode-se considerar que Lv 15 apresenta uma série prescritiva contemplando: a) um caso de fluxo venéreo masculino (v. 2b-15), b) um caso de emissão seminal ocasional (v. 16-17), c) um caso de relação sexual (v. 18), d) um caso de fluxo menstrual (v. 19-24) e e) um caso de disfunção hemorrágica genital (v. 25-30). O que há de comum em todos esses casos é a presença de fluxos e emissões genitais, masculinos e femininos, sejam fluxos isolados (doença venérea, emissão seminal que não se dê em contexto de coito, menstruação e disfunção hemorrágica genital feminina), seja o fluxo caracterizado pela relação sexual. Nesses termos, *grosso modo*, Levítico 15 pode ser tratado como “lei das ‘impurezas’ genitais” (BIBB, 1009, p. 95; VAN DER ZAWN, 2016, p. 3.).

Problematização da estrutura discursiva de Levítico 15

Até aqui, os passos nos fazem deparar com o fato de que Lv 15 trataria das questões relacionadas às emissões e aos fluxos genitais de homem (doença venérea e emissão solitária de sêmen) e de mulher (menstruação e disfunção hemorrágica genital), bem como o caso de relações sexuais entre ambos. Até onde chegamos, o resultado corrobora os sentidos que, como se viu, os dicionários deram para as atualizações verbais e nominais da raiz analisada. Quem parte dos dicionários chegará precedentemente em Lv 15, e quem parte de Lv 15, ratificará a compreensão da narrativa a partir dos dicionários. Afinal, זָוַב significaria tanto os fluxos genitais masculinos (sêmen e emanações da patologia venérea) quanto os fluxos genitais femininos (sangue menstrual e sangue decorrente de disfunções genitais), e, da mesma forma, Lv 15 trataria tanto dos fluxos genitais masculinos (sêmen e emanações da patologia venérea) quanto dos femininos (sangue menstrual e sangue decorrente de disfunções genitais). O quadro descrito é tanto mais corroborado quanto se acompanha os raciocínios de Judith Romney Wegner na defesa que faz da hipótese da interdição feminina aos espaços e ao serviço sagrado no templo pós-exílico de Jerusalém. Judith argumenta como equivalentes as prescrições rituais para os casos de fluxo venéreo masculino (v. 2b-15) e de menstruação e de disfunção hemorrágica genital feminina (v. 19-24 e 25-30), e isso quando

especificamente trata do ritual de purificação do homem e da mulher nas seções masculinas e femininas de Lv 15 (WEGNER, 2003, p. 453-458). Permita-me acentuar o apontamento: mesmo uma autora empenhada em evidenciar, em comparação ao dispensado ao homem, o tratamento desqualificado que a mulher parece receber na passagem bíblica não se apercebe da condição inusitada do uso de um termo próprio para a descrição de doenças venéreas masculinas, para referir-se igualmente à menstruação e à disfunção hemorrágica genital feminina e *não à doença venérea feminina*. Ou o presente artigo opera sob o regime da superinterpretação (ECO, 1997; REIMER, 2010), ou, ao contrário, mesmo olhares ideologicamente atentos podem passar despercebidos diante da ocorrência, e, mais do que isso, podem extrair do fenômeno interpretações como a que se pode recolher, por exemplo, na seguinte declaração: (com exceção do sangue vaginal) “qualquer outro fluxo vaginal é considerado puro, inclusive o decorrente de doença venérea” (NEUENFELDT, 2000, p. 32). A autora citada sequer anota considerar estranho que, na mesma lei, a doença venérea masculina torne o homem impuro, e, conforme ela assevera, a doença venérea feminina, não, porque, assumindo a redação atual de Lv 15, e, como é certo, observando que o texto não faz referência à doença venérea feminina, conclui que esta, então, não se enquadra na classificação das “impurezas”. Todavia, Neuenfeldt não está sozinha. Parece que Rashi igualmente não considerava relevante a questão, já que parece ter expressamente escrito que “o corrimento (...) (da mulher) não é considerado um fluxo para impurificar, a não ser quando ele está vermelho” (RASHI, 1993, p. 70). Se minhas considerações estiverem corretas, basear-se no estado atual da narrativa pode redundar em considerações tão excepcionais quanto a de Soonan Noah Lee, que, analisando as ocorrências da raiz, conclui que não se pode considerar que se refira a fluxo exclusivamente genital, inflacionando o sentido para qualquer secreção corporal causada por qualquer patologia, inclusive dos pulmões e dos olhos (LEE, 2005, p. 82)¹².

Para olhos mais atentos, ou talvez tomados da moléstia hermenêutica da hiperinterpretação (ECO, 1997; REIMER, 2010) ou da síndrome da “hiperleitura” (NONATO, 2013, p. 94), o quadro resulta no mínimo incomum. Não se perca de vista, todavia, as questões de fundo: por que a raiz é empregada para um caso apenas, quando se trata de homens, mas para dois casos que, ainda que próximos, são distintos, para o caso de mulheres? Por que o “*zav*” é um homem acometido de doença venérea, mas uma

¹² Se Lee estiver correto, Lv 15,2 deveria ser lido da seguinte maneira: “quando qualquer pessoa tiver uma descarga em seu corpo” (“When any person has a discharge from his body”) (LEE, 2005, p. 83), caso em que não apenas este artigo, mas o conjunto inteiro dos comentários deveria ser desconsiderado, porque trabalham com a interpretação de tratar-se especificamente de emissão genital.

“*zavah*” é uma mulher acometida de disfunção hemorrágica genital ou uma mulher menstruada? E por que a lei sequer menciona mulheres acometidas de doença venérea?

Feitas as questões, elas precisam ser respondidas. Quero, portanto, deter-me mais atentamente em Lv 15. Por exemplo, vamos analisar o comportamento da seção que trata das “impurezas” genitais masculinas. Um dos casos corresponde à doença venérea, ao passo que, no outro caso, a emissões solitárias de sêmen, acidentais, caso se pense apenas em poluição noturna, ou mesmo emissões provocadas, caso se pense também em masturbação. Bem se vê que estamos diante de um caso de patologia, e de um caso em que não se trata de patologia (GERSTENBERGER, 1996, p. 198)¹³. Mais especificamente, num caso, gonorreia (v. 2b-15), como querem os dicionários, e, no outro, ejaculação solitária (v. 16-17). Se somarmos a esse conjunto a relação sexual que controla o centro da composição (v. 18), teríamos, então, para o caso masculino, a série fluxo genital patológico, emissão seminal solitária e ejaculação em relação sexual. Noutros termos, fluxo patológico, emissão não copular e emissão em cópula. Um caso de doença e dois casos não patológicos, diferenciados apenas pelo fato de constituir-se, um, em ato solitário e, ou outro, em cópula. Nesse caso, alguém poderá constatar que o estado atual de Lv 15 se presta a uma estrutura perfeitamente enquadrada no modelo de quiasmo:

| | | | |
|----|----------|-------------------------------|-------------------|
| A | v. 2b-15 | Fluxo genital masculino | Quadro patológico |
| B | v. 16-17 | Emissão solitária de sêmen | Quadro hígido |
| X | v. 18 | Cópula entre mulher e homem | Quadro hígido |
| B' | v. 19-24 | Menstruação | Quadro hígido |
| A' | v. 25-30 | Disfunção hemorrágica genital | Quadro patológico |

Com efeito, não fui capaz de localizar um único comentário que sequer mencionasse a possibilidade de estarmos diante de um problema. Até onde pude mapear, a discussão que estou empreendendo é desconhecida da literatura. Conquanto haja divergências de modelos estruturais¹⁴, a literatura não identifica qualquer desequilíbrio entre as seções masculina e feminina de Lv 15, e, em sua forma clássica de apresentação (A, B, X, B', A'), o quiasmo põe em seus devidos lugares os termos da composição.

¹³ “Condition of sickness or health” (GERSTENBERGER, 1996, p. 198).

¹⁴ Para uma discussão da estrutura de Lv 15, cf. MAGONET, 1996, p. 146 (não me sinto à vontade com o quadro apresentado pelo autor, que classifica o v. 18, que trata de coito, como pertencente ao grupo das “descargas masculinas”, quando, a rigor, se trata do centro da estrutura, em que a impureza constitui-se consequência do coito em si, de modo que ambos, homem e mulher, ficam impuros, sem que se expresse na letra da lei quem tenha tornado quem impuro) e WARNING, 1999, p. 106-107 (que espelha muito mais proximamente a percepção do presente artigo, ainda que não avenge a hipótese que aqui se admite).

Diante desse quadro, tanto os sentidos que os dicionários apresentaram para a raiz זוב, quanto o uso que Lv 15 faz desses sentidos, quanto o quiasmo identificado na literatura especializada se articulam e ratificam mutuamente. Talvez devesse considerar que não há, efetivamente, nenhum problema com a narrativa...

... não fora, todavia, uma questão¹⁵: o que ocorre quando analisamos a estrutura quiástica de Lv 15 em função da presença ou não de זוב em cada seção? Vejamos o primeiro quadro:

Lv 15,2b-30

| | | | | |
|----|----------|-----------------------------|-------------------|-----|
| A | v. 2b-15 | Fluxo genital masculino | Quadro patológico | זוב |
| B | v. 16-17 | Emissão solitária de sêmen | Quadro hígido | - |
| X | v. 18 | Cópula entre mulher e homem | Quadro hígido | - |
| B' | v. 19-24 | Menstruação | Quadro hígido | זוב |
| A' | v. 25-30 | Disfunção menstrual | Quadro patológico | זוב |

Ciente do risco de cair em raciocínio circular, talvez seja oportuna a pergunta: por que o compositor empregou זוב apenas para o fluxo venéreo masculino, mas não para nenhum dos casos previstos de ejaculação, ao passo que empregou a raiz para referir-se tanto à menstruação quanto à disfunção menstrual? Cientes do fato de que os dicionários hebraicos constituem-se a partir da forma como os termos são tratados pela comunidade de pesquisa, devemos ter em mente que eles podem refletir o estado atual das passagens de que se servem os dicionaristas para a composição de seus manuais, e, nesse caso, também os próprios dicionários podem ficar presos em um círculo hermenêutico vicioso...

Seria possível fugir desse círculo hermenêutico vicioso recorrendo-se, por exemplo, à literatura tradicional do judaísmo rabínico? Bem, duas observações precisam ser feitas. A primeira delas é quanto ao fato de que a literatura rabínica muito dificilmente é empregada na elaboração dos dicionários e léxicos, e, como são os dicionários e léxicos

¹⁵ O sentimento deste pesquisador é ambíguo. Quando mergulha no universo dos comentários, tende a considerar que está vendo fantasmas, mas, quando retorna para a composição, volta a sentir o estranhamento desconcertante que a leitura provoca. Se ouvir os comentaristas, interrompe a análise. Se continuar a análise, sente-me impelido a não dar ouvidos à literatura especializada. Se observar a lição dos comentários, corre o risco de, como o conjunto analisado, negligenciar indícios. Para o conceito de indícios, que norteia a prática exegética e hermenêutica do pesquisador histórico-social, cf. GINZBURG, 1989, p. 143-188.

que são empregados na elaboração das traduções da Bíblia, e, logo, de Lv 15, segue-se que as traduções, em tese, espelhariam necessariamente os léxicos e dicionários, mas não necessariamente os documentos tradicionais do judaísmo rabínico. Aprofundamentos na literatura rabínica tradicional revelariam como a questão foi tratada séculos depois da redação do texto de *Levítico*, mas não esclareceria a questão específica que envolve a circularidade hermenêutica dos instrumentos de tradução. Além disso, como segunda observação, caberia comentar que a literatura rabínica serviria para um exercício no campo da estética da recepção: como o judaísmo rabínico recepcionou Lv 15¹⁶, por exemplo. A recepção de Lv 15 no judaísmo rabínico prestaria informações sobre o judaísmo rabínico, mas não necessariamente sobre Lv 15. A rigor, buscar a compreensão de Lv 15 na literatura tradicional do judaísmo rabínico seria o correlato, no campo do Judaísmo, de buscar a compreensão daquele trecho da Escritura nos tratados de Teologia Sistemática do Protestantismo cristão, ou nos tratados de Teologia Dogmática, de tradição católica. Seja a teologia confessional cristã, seja a teologia tradicional rabínica, trata-se de recepção hermenêutico-teológica daqueles conteúdos, e não a aproximação crítico-filológica necessária à compreensão histórico-social da “lei”.

O caso do tratado *Niddah* do Talmud Babilônico é interessante. A título de anotações de pesquisa, recolha-se a informação de que, na Introdução de Israel W. Slotki, depois de, como se pode ver na nota anterior, informar que a origem das regulações do tratado seria Lv 15, acrescenta-se que a passagem citada prescreveria algumas regras gerais “concerning *niddah* and *zibab*” (NIDDAH, 1989, Introduction, s/p.). Imediatamente após a palavra *zibab*, aparece a expressão “(v. Glos.)”. Com efeito, no final do tratado há um glossário, mas a palavra *zibab* não se encontra arolada entre os termos que se fazem constar. *Niddah* aparece como “a woman in the period of her menstruation”. Também constam do glossário os termos *zab* (masculine) e *zabah* (feminino), explicando-se tratar-se de “a biblical term for a person who has experienced seminal emission (Lev. XV, 2)”. Obviamente, então, a crer no glossário, o tratado *Niddah* não trata os termos *zab* e suas variantes como referência a portadores ou portadoras de doenças venéreas, o que fora um dos sentidos arrolados nos dicionários e, como se verá imediatamente adiante, a despeito do tratado, é como o termo se comporta na Bíblia Hebraica.

Se por um lado o glossário constante da versão impressa da The Soncino Press, consultada, não apresenta a entrada do referido termo *zibab*, a versão online citada na

¹⁶ Com efeito, a respeito da menstruação, pode ser no *Seder Taborot*, o tratado *Niddah*, do Talmud Babilônico: “the origin of these regulations is Lv XV” (NIDDAH, Introduction, 1989, s/p.). Uma versão online do mesmo tratado pode ser consultada em <http://www.come-and-hear.com/niddah/> (acesso em 06/03/2018).

nota imediatamente anterior apresenta. Quando se consulta o verbete, lê-se: “ZIBAH. Aflux; gonorrhoea. Also the state of uncleanness of a Zab”. Ora, no glossário da versão impressa do tratado Niddah, consta *zab*, e lá se lê o que acima se transcreveu: “a biblical term for a person who has experencied seminal emission (Lev. XV, 2)”. Não se mencionou absolutamente nada a respeito de doença venérea. Pois bem, esse verbete *zab* da edição impressa encontra-se também na versão online, e lá se lê exatamente o mesmo que na versão impressa. No entanto, há um segundo verbete *zab* na versão online, que não conta da versão impressa. Nesse segundo verbete *zab* pode-se ler: “ZAB. A zab is one who is afflicted with gonorrhoea as distinct from a semen discharge. [< Tractate Zabim, page 503, note 1]”. Enquanto o verbete *zab* da edição impressa do tratado Niddah do Talmud Babilônico vincula *zab* à descarga seminal, sendo nisso seguido pelo mesmo verbete na edição online, um segundo verbete *zab* na edição online, ausente na versão impressa, relaciona *zab* à doença venérea, justificando a vinculação a um tratado rabínico. Ou seja, o recurso à tradição rabínica, ao menos o tratado específico do Talmud que regulamenta as questões concernentes à menstruação não ajuda a resolver a questão, uma vez que não vincula o termo *zab* à menstruação, mas à emissão seminal (mesmo no caso da versão feminina!) e, na edição online, também à doença venérea. Se a condição dos dicionários e léxicos de hebraico sugere algum tipo de círculo hermenêutico de retroalimentação, os glossários das edições impressa e online de tratado Niddah do Talmud Babilônico confundem ainda mais a questão, porque ora dão o termo *zab* por relacionado à emissão seminal, ora à patologias genitais e, nunca, à própria menstruação. O quadro é sumamente confuso.

Na tentativa de organizar o pensamento, recuperemos um dado: fora de Lv 15, mas ainda no âmbito da referência ao corpo humano, a raiz זוב é empregada apenas em relação a quadro patológico, como se viu na hendíade “lepra e fluxo” de Lv 22,4¹⁷; Nm 5,2¹⁸ e 2 Sm 3,29¹⁹. Fora de Lv 15, se se trata de fluxo corporal, זוב é empregada apenas para referir-se a fluxo venéreo. Estamos autorizados a, por isso, presumir que זוב devesse referir-se apenas a casos de patologias venéreas? Não se perca de vista o fato de que זוב se prestar para a descrição de fluxo sanguíneo genital feminino, funcional ou disfuncional,

¹⁷ “Nenhum homem da semente de Arão que tenha lepra ou fluxo comerá das coisas sagradas” (אִישׁ אִשִּׁשׁ מִזֵּרַע אַהֲרֹן וְהוּא צְרוּעַ אִוּ זָב בְּקִדְשִׁים לֹא יֵאָכֵל).

¹⁸ “Todo leproso, e todo que tem fluxo, e todo impuro por cadáver” (כָּל־צְרוּעַ וְכָל־זָב וְכָל טָמֵא) (לְנֶפֶשׁ).

¹⁹ “E não falte na casa de Joab o que tem fluxo e o leproso” (וְאֵל־בֵּית מְבִית יוֹאָב זָב וּמְצֹרֵעַ).

decorre única e exclusivamente de Lv 15, e de Lv 15 *em seu atual estado redacional*. Se, originalmente, זוב se prestasse apenas para a descrição de pessoas acometidas de doença venérea, então, mesmo no atual estado da composição, a fenomenologia da seção masculina da lei estaria de acordo, porque, nela, a raiz é realmente usada apenas para referir-se à doença venérea masculina, e nunca, para os casos de emissão seminal hígida, seja em que situação for. É no caso feminino que o uso de זוב se inflaciona, passando a designar – é a hipótese desse artigo – não (mais) a doença venérea feminina, mas a emissão de sangue genital da mulher, seja a menstrual funcional, que não é patológica, seja a disfuncional, que já seria.

Crítica textual de Lv 15

Terá ocorrido uma profunda “revisão” no texto original de Lv 15? Retornemos ao texto. Ocupemo-nos, de perto, das seções femininas. Analisemos o v. 19:

Lv 15,19

| |
|--|
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־תִהְיֶה זֹבָה דָּם יְהִיֶּה זֹבָהּ בְּבִשְׂרָהּ שִׁבְעַת יָמִים תְּהִיָּה בְּנִדְתָּהּ וְכֹל־הַנִּגַּע בָּהּ יִטְמָא עַד־הָעֶרֶב:</p> |
| <p>“E uma mulher que esteve fluindo sangue, está o fluxo dela na carne dela, sete dias estará na menstruação dela, e todo o que tocar nela estará impuro até a tarde”.</p> |

No verso, empregam-se os termos זֹבָה, verbo (“fluir”) e זֹבָה, substantivo (“fluxo dela”), mas, ao lado deles, também o termo דָּם (“sangue”) e a expressão בְּנִדְתָּהּ (“na menstruação dela”). A expressão דָּם זֹבָה, aqui traduzida como “fluindo sangue”, quer fazer referência à menstruação, o que se confirma pela expressão que lhe segue: “na menstruação dela”. É a conjugação de דָּם que faz com que זֹבָה seja contextualmente tomado como termo relacionado à menstruação. Tendo isso em mente, observemos os v. 32-33, que constituem resumo de Lv 15:

Lv 15,32-33

| | |
|---|---|
| <p>זֹאת תֹּרַת הַזָּב וְאִשָּׁר תִּצָּא מִמֶּנּוּ שִׁכְבַּת־זֶרַע</p> | <p>Esta é a lei do que tem fluxo, e do que sai dele emissão de sêmen, e que fica impuro por causa dela.</p> |
|---|---|

| | |
|--|---|
| <p>לְטִמְאַה־בָּהּ:</p> | |
| <p>וְהִדְוָה בְּנִדְתָּהּ וְהִזְבַּ אֶת־זוּבּוֹ לְזָכָר וּלְנִקְבָּהּ וּלְאִישׁ אֲשֶׁר יִשְׁכַּב עִם־טִמְאַהּ: פ</p> | <p>E da achacada pela menstruação dela, e de quem flui o fluxo dele, seja macho, seja fêmea, e do homem que deita com impura.</p> |

A despeito do risco de avaliação a partir de textos glosados²⁰, é forçoso observar que o v. 33 mencione um caso que, salvo engano, não se pode localizar no texto que, em tese, ele sintetiza. Os v. 32-33 constituem um resumo dos conteúdos de Lv 15, distinguindo os casos aplicáveis a homens dos casos aplicados à mulher, bem como o caso da cópula entre ambos. O v. 32a (זאת תורת הזב – “esta é a lei do que tem fluxo”) recupera o caso do “fluxo”, doença venérea masculina, e corresponde aos v. 2b-15. O v. 32b (וְאֲשֶׁר תֵּצֵא מִמֶּנּוּ שְׁכַבְתָּ־זָרַע) – “e do que sai dele emissão de sêmen”) trata da ejaculação solitária, correspondendo aos v. 16-17. O v. 33a (וְהִדְוָה בְּנִדְתָּהּ) – a “e da achacada pela menstruação dela”) poderia ser considerado uma referência à menstruação, presentemente consignada nos v. 19-24. A última seção do v. 33 (וּלְאִישׁ אֲשֶׁר יִשְׁכַּב) – “e do homem que deita com impura”) resumiria o caso do coito, tratado no v. 18. Por último, a seção intermediária do v. 33 (וְהִזְבַּ אֶת־זוּבּוֹ לְזָכָר וּלְנִקְבָּהּ) – “e de quem flui o fluxo dele, seja macho, seja fêmea”) trata de alguma coisa no mínimo inusitada, porque fala dos casos de homem e de mulher de quem “flui o seu fluxo”. Ora, a lei não tratou de “fluxo” de mulher. Quando encontramos no texto o uso da raiz זוב, se tratava aí de menstruação (v. 19-24) ou de hemorragia genital (v. 25-30). Nesses casos, a raiz se fazia acompanhar de termos que especificavam o “tipo de fluxo” a que se fazia referência, como דם (“sangue”). No contexto narrativo, quando isolado dos adjuntos, abandonam os adjuntos, זוב continua sendo interpretado como referência à menstruação, como, por exemplo, no v. 28 (וְאִם־טְהַרָה מִזוּבָהּ) – “e quando estiver limpa de seu fluxo”), que, não fora os v. 19 e 25, poderia ser lido como o equivalente feminino da prescrição do v. 2b, isto é, uma referência à doença venérea feminina, mas que, à luz do estado atual da narrativa, é universalmente lido como ainda se referindo à menstruação. Se, portanto,

²⁰ Por exemplo, conquanto, antes, tratara o verso como “a concluding legal subscript”, Gerstenberger mais adiante considera que o v. 32 revela incremento de várias camadas no texto (GERSTENBERGER, 1996, p. 199 e 205, respectivamente).

a lei desconhece casos de “fluxo” (não “fluxo de sangue”, mas apenas “fluxo”) feminino, por que o resumo da lei menciona, então, casos de: a) “fluxo” feminino, b) fluxo feminino que é também possível para homens, e c) depois de já se ter falado de menstruação? Se considerarmos o estado atual de Lv 15, só podemos falar de “fluxo” masculino, isto é, empregado sem adjuntos, casos em que o termo זֹב se refere exclusivamente à doença venérea masculina. Se tomarmos o termo no sentido em que ele é usado na seção masculina da lei (v. 2b-17), זֹב é apenas empregado no sentido de doença venérea, e na seção feminina não há referência à doença venérea, já que, como se viu, os v. 19-24 tratariam de menstruação, e os v. 25-30, de disfunção hemorrágica genital. Logo, resulta surpreendente que o resumo da lei declare que se trate, esta, de uma lei que tem em vista também aquele “de quem flui o fluxo dele, seja macho, seja fêmea” (אַת־זֹבֹו לְזָכָר וְלִנְקֵבָה וְהַזָּב), já que, nesse sentido, “fluxo” serve para indicar a presença de doença venérea, que, como se viu, no estado atual da composição, não se aplica à mulher. Seria difícil supor que essa referência seja uma glosa, porque qual seria a razão de um escriba acrescentar no corpo da lei uma referência que, agora, ela não apresenta? Essa breve referência do resumo deve, como hipótese, ser tomada como sobrevivência do estado original da composição. Um belo ginzburguiano *indício* (GINZBURG, 1989, p. 143-188).

Em resumo: considerando-se o estado atual de Lv 15, de um lado, quando aplicado a homens, זֹב descreve alguém acometido de doença venérea (v. 2b-15), e nada mais, sentido que é corroborado pelas ocorrências da raiz no conjunto da Bíblia Hebraica. Para o caso de mulheres, todavia, זֹב passa a descrever a mulher menstruada (v. 19-24) e a mulher que padece de disfunção hemorrágica genital (v. 25-30), mas não descreve a mulher que padece de doença venérea (NEUENFELDT, 2000, p. 32; RASHI, 1993). Por outro lado, no resumo, a síntese intermediária do v. 33 declara tratar a lei daquele “de quem flui o fluxo dele, seja macho, seja fêmea” (הַזָּב אֶת־זֹבֹו לְזָכָר וְלִנְקֵבָה), sendo, que, como se viu, não há casos de mulheres com “fluxo” (venéreo). Não (me) é possível não flagrar discrepâncias na narrativa.

Com efeito, “discrepâncias” em Lv 15 já foram discutidas. Por exemplo, Kazen discutiu o tema das divergências de tratamento, tempo e procedimentos em relação ao homem com “fluxo”, que ele trata como “*zab*”, e, sem fazer referências a outros casos que ele igualmente aponta, à mulher que sofre de disfunção hemorrágica genital, que ele trata como “*zabal*” (KAZEN, 2007, p. 349). Seria o caso, portanto, de, à luz dos indícios, perguntar-se pelo estado da narrativa antes de sua configuração atual? Por hipótese,

parece ser apropriado considerar-se a possibilidade de estarmos diante de um quadro de alteração de um texto anterior, hipótese que se deseja aprofundar.

Da hipótese de ter sido Lv 15 reformulado

O fato de que, a) na Bíblia Hebraica, excetuando-se a seção feminina de Lv 15, quando se referindo a fenômenos fisiológicos relacionados a pessoas, **זב** presta-se apenas para referência a doença venérea, e que, por força disso, b) na seção masculina de Lv 15, o termo **זב** refere-se especificamente à doença venérea, e c) no resumo prescrito da lei, a prescrição intermediária do v. 33 referir-se *inusitadamente* a “fluxo” que sai tanto de homem quanto de mulher (KAZEN, 2007, p. 354), quando, em seu estado atual, Lv 15 não trata de casos de “fluxo” comuns aos dois sexos, deve levar-nos *indiciariamente* à consideração da possibilidade de, em estado anterior ao atual, a composição ter tratado, então, de doença venérea feminina. O estado atual de Lv 15 refletiria o resultado de reformulação da narrativa original²¹.

Aprofundando um pouco mais a análise, deveria chamar a atenção do leitor o fato de que a menção a “fluxo” feminino no resumo da lei não é o único fator desconcertante de Lv 15: não há no resumo qualquer referência à disfunção hemorrágica genital a que se faz referência – *no estado atual da composição* – nos v. 25-30. Se considerarmos o resumo dos v. 32-33, para a mulher, a lei trataria dos casos de menstruação, “fluxo” (venéreo) e coito. Todavia, quando lemos a lei, não encontramos o caso de “fluxo” (venéreo), e encontramos os casos de coito, menstruação e disfunção hemorrágica. Ou seja, o resumo fala de “fluxo feminino”, mas a lei não trata disso, e a lei trata de disfunção hemorrágica genital feminina, mas o resumo não rubrica o caso. O que isso significa?

A hipótese do presente exercício é que o atual texto de Levítico 15 é resultado de intervenção redacional sobre um texto anterior. A hipótese de processo redacional em Lv 15 não é exatamente novidade²². Nos termos da hipótese defendida aqui, o que atualmente corresponde a uma reformulação sacerdotal, em sua origem, Lv 15 tratava, simetricamente, de: a) doença venérea (masculina), b) emissão seminal solitária (masculina), c) coito (masculino e feminino), d) doença venérea (feminina) e e) menstruação (feminina). Em algum momento, a serviço sacerdotal, um escriba ou um colégio de escribas alterou o texto da lei. A hipotética reformulação parece ter sido surpreendentemente simples, e seus termos podem ser descritos de modo geral. Primeiro,

²¹ Cf. nota 1.

²² Cf. nota anterior.

onde se encontrava escrito o termo **זוב**, acrescentou-se o termo **דם** (“sangue”), e o que era, até então, a descrição de *doença venérea feminina*, passou a ser tratado como “fluxo de sangue”. A operação se concluiria com acréscimos necessários ao reforço semântico da lei na passagem glosada.

Essa, todavia, não pode ser tomada como a única operação, porque, nesse caso, o escriba teria apenas transformado “fluxo” em “fluxo de sangue”, e uma lei que tratava originalmente de doença venérea deixou de tratar de doença venérea, e passou a tratar de menstruação, mas não se explicaria como a lei passou a tratar também de disfunção hemorrágica. Isso deve significar, por hipótese, que, tendo transformado “fluxo” em “fluxo de sangue”, o escriba se depara com **הַנִּזְּ** (“menstruação”) na seção seguinte da lei. Recorde-se que o resumo dá conta de que a lei trataria de doença venérea feminina e de menstruação. Logo, se o redator transformou doença venérea feminina em menstruação, ele duplicou a referência à menstruação, passando a lei a ter, agora, duas seções que tratariam do mesmo caso. O que me parece ter feito o escriba foi, por meio de acréscimos estratégicos ao texto da lei, transformar, agora, o que era até então menstruação, em disfunção hemorrágica genital. Nesse sentido, parece-me acertada a percepção de Kazen, que considera a relação estrutural entre os atuais v. 19 e o v. 2 (KAZEN, 2007, p. 354), atualmente, um caso de menstruação e um caso de doença venérea masculina, porque, o que hoje consiste em referência à menstruação era, originalmente, referência à doença venérea feminina, de sorte que, então, os atuais v. 2b e 19 se equivaliam.

Especulemos mais especificamente o estado anterior da composição, mas, por uma questão de espaço, atendo-nos apenas ao *caput* de cada seção. No esquema abaixo, procura-se demonstrar o procedimento redacional que aqui se especula. Na linha superior da tabela, apresenta-se o texto em hebraico em seu estado atual. Na linha intermediária, o texto hebraico atual, mas, suspensas, as seções que, por hipótese, devem ser consideradas acréscimos redacionais. Na linha inferior, por hipótese, o estado original do texto hebraico, antes da reformulação sacerdotal, que, então, recupera(ria) as prescrições plausivelmente originais para o caso de doença venérea feminina (a “*zaval*”, v. 19) e para o caso de menstruação, no v. 25.

Lv 15,19

| | |
|---|--|
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־תִהְיֶה זֹבַה דָּם יְהִיָּה זֹבַה בְּבִשְׂרָהּ שִׁבְעַת יָמִים תִּהְיֶה בְּנִדְתָּהּ וְכָל־הַנִּגָּע בָּהּ יִטְמָא עַד־הָעֶרֶב:</p> | <p>“E uma mulher que está fluindo sangue, estará o fluxo dela na carne dela, sete dias estará na menstruação dela e todo que tocar nela estará impuro até a tarde”</p> |
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־תִהְיֶה זֹבַה דָּם יְהִיָּה זֹבַה בְּבִשְׂרָהּ שִׁבְעַת יָמִים תִּהְיֶה בְּנִדְתָּהּ וְכָל־הַנִּגָּע בָּהּ יִטְמָא עַד־הָעֶרֶב:</p> | |
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־תִהְיֶה זֹבַה בְּבִשְׂרָהּ שִׁבְעַת יָמִים תִּהְיֶה וְכָל־הַנִּגָּע בָּהּ יִטְמָא עַד־הָעֶרֶב:</p> | <p>“E uma mulher de quem esteja fluindo o fluxo dela, na carne dela, sete dias estará (<i>impura</i>), e todo que tocar nela será impuro até a tarde”.</p> |

Lv 15,25

| | |
|---|--|
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־יִזְוֹב זֹב דָּמָהּ יָמִים רַבִּים בְּלֹא עֵת־נִדְתָּהּ אוֹ כִּי־יִזְוֹב עַל־נִדְתָּהּ כָּל־יְמֵי זֹב טְמֵאָתָהּ כִּימֵי נִדְתָּהּ תִּהְיֶה טְמֵאָה הוּא:</p> | <p>“e uma mulher de quem flui seu fluxo de sangue por muitos dias, e não é tempo da menstruação dela, ou de que quem flui além da menstruação dela, todos os dias do fluxo da impureza dela serão como os dias da menstruação dela: será impura ela”</p> |
| <p>וְאִשָּׁה כִּי־יִזְוֹב זֹב דָּמָהּ יָמִים רַבִּים בְּלֹא עֵת־נִדְתָּהּ אוֹ כִּי־יִזְוֹב עַל־נִדְתָּהּ כָּל־יְמֵי זֹב טְמֵאָתָהּ כִּימֵי נִדְתָּהּ תִּהְיֶה טְמֵאָה הוּא:</p> | |
| <p>וְאִשָּׁה כִּי עַת־נִדְתָּהּ טְמֵאָתָהּ כִּימֵי נִדְתָּהּ תִּהְיֶה טְמֵאָה הוּא:</p> | <p>“E uma mulher que está no tempo de sua menstruação estará na impureza dela. Todos os dias da menstruação dela, ela estará impura”.</p> |

Observe-se nas duas tabelas acima como se pode – por hipótese – reconstituir o eventual estágio pré-sacerdotal de Lv 15 (quase que) apenas pela supressão de termos que, nesse caso, teriam sido incluídos pelos redatores intervencionistas com a precisa intenção de alcançar os resultados aqui discutidos. A única exceção, desconfortável,

admito, é a *eventual* necessidade de pressupor a expressão “impura” no v. 19²³. Seja como for, da operação hipotético-especulativa, resulta a suposição de que, originalmente, o v. 19 se referia à doença venérea feminina, e não à menstruação, e o v. 24 se referia à menstruação, e não à disfunção hemorrágica genital feminina.

Em função do caráter delicado da argumentação indiciária e do caráter hipotético-especulativo da hipótese, deve-se, contudo, recuperar, ainda, uma observação já apresentada acima: na seção masculina, **וּז** aparece apenas uma vez, quando se quer fazer referência à doença venérea masculina, ao passo que, na seção feminina, **וּז** aparece duas vezes. Analisando mais detidamente a questão, parece adequado recuperar aqui a observação de Magonet, que anota o fato de que apenas as seções de Lv 15,2b-15 (v. 13-15) e 25-30 (v. 28-30) “requer[em] um sacrifício de expiação” (MAGONET, 1996, p. 147)²⁴. A explicação que Magonet dá para o fenômeno é que ambos seriam casos de “descargas patológicas” (“pathological discharges”). Com efeito, os v. 28-30 da seção constituída pelos v. 25-30 fazem referência a **וּז**, mas não fazem nenhuma referência à menstruação. Como faz a literatura consultada, o leitor fará a associação entre a hemorragia disfuncional do v. 25 e o conteúdo dos v. 28-30. Todavia, a associação me parece apenas redacional, com o quero dizer que me quer parecer que os v. 28-30 sejam remanescentes originais da seção da lei que tratava da doença venérea feminina (“fluxo”)²⁵, e que, originalmente, não estavam associados nem à menstruação nem à disfunção hemorrágica. Isso explicaria o fato de que o ritual de “purificação” descrito nos v. 28-30 seja quase que exatamente o mesmo prescrito para a seção do fluxo patológico masculino – porque, originalmente, se tratava, aqui, nos atuais v. 28-30, da correspondente condição venérea feminina.

Isso implica dizer que o redator tinha em mãos um texto que, para o caso feminino, prescrevia dois rituais distintos, uma para o caso patológico e outro,

²³ Como se dirá na Conclusão, o próximo passo do exercício seria analisar em detalhes o texto hebraico de Lv 15, para verificar até que ponto a hipótese presentemente levantada se sustenta.

²⁴Cf. RADNER, 2008, p. 151-152; KAZEN, 2007, p. 355 e 366. Os comentários citados tratam a disfunção hemorrágica genital feminina como o paralelo patológico da doença venérea masculina, que me parece um possível caso de desatenção aos indícios textuais, na hipótese de não recair eu mesmo em superinterpretação dos dados.

²⁵ Gerstenberger percebe e assinala o fato de que a expressão “mucous discharge” aparece em ambas as passagens, mas não extrai daí a mesma conclusão que aqui se arrisca. Para o autor, permanece a leitura do estado atual da redação (GERSTENBERGER, 1996, p. 204-205). Sem considerar necessária nenhuma explicação para tão inusitada referência, Sprinkle trata os v. 3-15 e 25-30, como, respectivamente, “a venereal disease or a urinary tract infection”, considerando “abnormal genital discharge (Lev 15:3-15, 25-30) is the (...) most serious ‘uncleanness’” (SPRINKLE, 2000, p. 644).

simplificado, para o caso hígido. O caso hígido era, originalmente, a menstruação, cujo resíduo original encontra-se no v. 25. O caso patológico era o fluxo venéreo, cujo vestígio redacional original se encontra no v. 19. Nesse sentido, os v. 28-30 deveriam pertencer originalmente ao contexto do v. 19, não do v. 25. Além disso, como se viu acima, deve-se supor que a redação sacerdotal acrescentou **וּזוּ** na seção originalmente reservada à menstruação²⁶, pelo que, no estado atual de Lv 15, constata-se a presença do termo **וּזוּ** nas duas seções femininas. Com esse movimento, inflaciona-se o sentido de **וּזוּ** e, fenômeno mais relevante, transforma-se toda a seção feminina de Lv 15 em um caso de vermelhíssimo sangue genital.

Hipótese sobre hipótese: por que “encher de vermelho” Levítico 15?

Sem perder de vista que o argumento geral do presente artigo sustenta-se em indícios ginzburgianos, interpretados criticamente, e que as conclusões, por esse meio obtidas, emprestam dele sua compreensível fragilidade, mas igualmente a plausibilidade inerente a esse tipo de reflexão, vejo-me forçado, todavia, a dar mais um passo retórico²⁷. Se for convincente o quadro geral de argumentação retórica elaborado, e se a força dos indícios for suficiente para conceder um mínimo grau de plausibilidade aos fatos por hipótese reconstruídos, urge e impõe-se a pergunta: por que o(s) redator(es) transformaram um texto que, originalmente descrevia o caso de patologia venérea feminina e o caso de menstruação, respectivamente, em um caso de menstruação e um caso de disfunção hemorrágica genital feminina? Não se trata de estabelecer regras para a menstruação, porque a menstruação já estava originalmente consignada na letra da lei. Logo, a resposta deve estar no que se oculta (a doença venérea feminina) e no que se cria (a disfunção hemorrágica genital feminina). Vejamos então: o que até então era doença venérea feminina transforma-se em “fluxo de sangue”, menstruação, e o que era menstruação transforma-se em “menstruação’ disfuncional”. O que há de comum em ambos os fenômenos é o sangue genital feminino. Ora, obviamente, quer-se chamar a atenção para o sangue genital feminino, superavaliando sua condição de impureza, cujo efeito, operacionalmente, se atinge fazendo desaparecer da letra da lei a condição

²⁶ Porque, já que “fluxo” foi convertido de “fluxo” venéreo (sem adjunto) em “fluxo de sangue” (com adjunto acrescentado pela reformulação sacerdotal), transformando-se a referência original à doença venérea feminina em referência à menstruação, a seção que originalmente já se referi à menstruação teve de ser transformada para referir-se, agora, à disfunção hemorrágica genital – daí a necessidade de acréscimo do termo **וּזוּ** no atual v. 25.

²⁷ Com cujo termo faz-se referência propositada e teórico-metodologicamente a GINZBURG, 2002.

patológica original, doença venérea, convertida, agora, em menstruação. E, como já havia a prescrição ritual para a menstruação, transforma-se esta em disfunção hemorrágica. Sai a doença venérea, e entra o sangue genital feminino. Para recordar a citação epigrafada, extraída de Rashi: a lei foi pintada de vermelho²⁸. Escorre sangue de Lv 15,19-30. E apenas sangue...

Arrisca-se uma explicação. A doença venérea é fortuita. Ainda que acometa muitas mulheres, não acomete todas. Com a doença venérea, não se está diante de uma condição universal da mulher. Mais ainda: a doença venérea igualmente acomete os homens – e Lv 15,2b-15 não nos deixa mentir! O que difere a menstruação e a recém-inaugurada condição da disfunção hemorrágica genital feminina da doença venérea feminina é que apontam para todas as mulheres. Se, dentre cem, dez mulheres podem ser acometidas de doença genital, dentre cem, cem menstruarão. Parece-me que a intenção do redator ou dos redatores é transformar radicalmente a “lei das emissões genitais” em uma lei universalizante da condição de impureza da mulher. Não de uma ou outra. Mas de todas. É claro que a menstruação já estava consignada, mas o fato de os redatores não se satisfazerem com a redação original, transformarem doença venérea em menstruação e menstruação em hemorragia aponta para uma estratégia mais profunda.

Que se trata de uma estratégia mais profunda, parece evidenciado pelo indício da desconfiguração isométrica da lei. Ressalve-se que, quando, como Nicole Ruane²⁹, os comentaristas tratam da condição simétrica da atual composição, não se apercebem de que a “correlação isométrica” presente se dá entre uma doença venérea masculina (para a qual, salvo engano, a tradição parece não ter reservado qualquer atenção especial) e a disfunção hemorrágica feminina (com significativa repercussão traditiva). Se, originalmente, a lei tratava, em sua letra, de doença venérea masculina, ejaculação solitária, coito, menstruação e doença venérea feminina³⁰, então salta aos olhos a absoluta isometria da lei, que se apresentava de modo absolutamente igualitário. Sim, porque tanto homem quanto mulher são igualmente potencialmente passíveis de tornar-se impuros, seja por meio de patologias do sexo (doença venérea de homem e doença venérea de mulher), para o que ainda há vestígio no v. 33, seja por meio de eventos fisiológicos próprios de cada sexo (menstruação, para elas, ejaculação solitária, para eles), seja, ainda,

²⁸ “A point of blood-purity which comes up several times in Leviticus is vaginal blood: post-partum bleeding, menstruation, and irregular vaginal bleeding (see 12:1-5; 15:19-24; 18:19; 20:18)” (HANSON, 2000, p. 220).

²⁹ Cf. RUANE, 2013, p. 176.

³⁰ Se a estrutura fosse originalmente um quiasmo clássico do tipo A B X B' A', já que, se a estrutura seguisse em linhas gerais a atual, então estaríamos diante de uma estrutura quiasmática do tipo A B X A' B' (doença venérea masculina, ejaculação solitária, coito, doença venérea feminina e menstruação).

pelo coito entre ambos. Se o objetivo é instrumentalizar-se uma lei igualitária, que trate homens e mulheres de forma absolutamente igual, então a lei era apropriada. Não, todavia, se a intenção é superavaliar a condição potencial de impureza de um sexo, mas não do outro. Naturalmente que estou defendendo que os redatores propositadamente deformaram a isometria da lei para desconfigurar a proposição possível de que a condição do homem e da mulher fosse igual. Nesse contexto de argumentação, convém recordar o que Judith Romney Wegner disse sobre as prescrições de Levítico 15: “estes regulamentos tiveram repercussões muito mais amplas sobre as mulheres do que a maioria dos estudiosos bíblicos percebeu” (WEGNER, 2003, p. 452)³¹. Para implementar sua estratégia, os reformuladores sacerdotais de Lv 15 fazem desaparecer a doença venérea feminina, destruindo assim a isometria original da lei, e transformando toda a referência da lei à mulher em um caso universal de sangue ginecológico impuro.

Direi com todas as letras: estamos diante de uma operação política de interdição da mulher ao serviço religioso³², o que eu poderia dizer, empregando para isso os termos da autora recém-citada, que fala de “importante evidência da exclusão deliberada de mulheres do recinto sagrado” (WEGNER, 2003, p. 453)³³, no caso aqui discutido, exclusão operada por meio do recurso estratégico de fazer à população crer que a mulher é intrinsecamente impura, universalmente impura, totalmente impura, e que, em decorrência de sua condição natural, não tem condições de officiar serviços à divindade. E gostaria ainda de arrematar a questão, sugerindo que, a despeito das conclusões da autora que se vem de citar, todavia, não se trataria de uma guerra dos sexos. Judith interpreta que a interdição da mulher aos espaços e ao serviço religioso do templo pós-exílico decorre de “um tabu”:

Assim, a discriminação (...) deu expressão explícita a um tabu baseado em grande parte nos medos masculinos do potencial de contaminação cultural das fêmeas, um tabu que se tornou consagrado pela suposição (talvez subliminar) de que uma mulher não pode entrar na presença divina. Na visão do sacerdócio israelita (...), as mulheres eram

³¹ “These regulations had far wider repercussions on women than most biblical scholars have realized”. Para uma aproximação a esses efeitos na tradição judaico-cristã, cf. SELVIDGE, 1984, p. 619-623; PHIPPS, 1980, p. 298-303 e MEACHAM, 1999, p. 23-39.

³² Para o processo de interdição do serviço religioso feminino pela golah sacerdotal, cf. WEGNER, 2003, p. 451-466.

³³ No contexto da citação, aprofundam-se as evidências da exclusão programática da mulher dos espaços sacerdotais no período pós-exílico.

simplesmente impróprias e, portanto, inelegíveis para participar de ritos culturais (WEGNER, 2003, p. 464).

Eu compreendo a conclusão da autora. Efetivamente, a menstruação tem servido de razão para diversas atitudes negativas da sociedade contra as mulheres (ROBERTS; GOLDENBERG; POWER e PYSZCZYNSKI, 2002, p. 132; BHARTIYA, 2013, p. 523-527). Todavia, o sangue menstrual pode assumir faculdades ambíguas (STEVENS JR., 2006, p. 592-599). E é bom ter em mente que

some societies evaluate menstruation neutrally, as simply a matter of elimination (e.g., the Rungus of Borneo) (...) Others employ elaborate sets of taboos and regulations to control the negative effects of menstruation (e.g., Turkish village Muslims) (...) And still others value menstruation positively as contributing to the fecundity of the earth (e.g., the Beng of the Ivory Coast) (HANSON, 1993, p. 220).

Se não se pode afirmar que a narrativa original de Lv 15 considerava a menstruação “positiva”, tampouco se pode afirmar que a considerava especialmente “negativa”, uma vez que estava arrolada ao lado da ejaculação masculina, tanto em contexto de coito quanto em situações solitárias. Se havia tabu em relação à menstruação, igualmente havia com relação ao sêmen – e isso permanece mesmo na redação atual de Lv 15, conquanto seja sempre a menstruação a receber as atenções tradicionais. Nesse caso, as indicações precisas quanto ao fenômeno histórico-social situado “por trás” de Lv 15 devem ser depreendidas dos indícios do próprio texto. Nesse caso, dado que a reformulação sacerdotal exorbitou o sangue genital feminino para toda a seção feminina da lei, sugere-se que a interdição da mulher tanto dos espaços quanto do serviço religiosos no templo pós-exílico não decorreria de um tabu universal, por sua vez decorrente do medo igualmente universal que homens teriam das fêmeas, isto é, não resulta de uma genérica questão de gênero, mas do enfrentamento político de grupos sociais que disputam a liderança religiosa judaíta no tempo da transformação da “lei dos tabus genitais” na “lei de impureza menstrual”. De um lado, o contingente sacerdotal da *golab*, que, em contexto pós-exílico, assume a liderança em Judá, e, de outro lado, a liderança religiosa campesina, constituída por expressivo contingente de mulheres, profetisas e sacerdotisas, e que constituiu, historicamente, significativo e empedernido obstáculo à hegemonia sacerdotal (RIBEIRO, 2002). Nesse sentido, eu assumo apenas em parte as últimas considerações da autora, que considera que o fenômeno,

precisamente descrito em seu artigo, a exclusão da mulher do espaço religioso, expresse a matriz patriarcal própria da cultura (WEGNER, 2003, p. 465). A meu ver, esse evento histórico desdobrou-se em profundas marcas discriminatórias contra a mulher na tradição judaico-cristã, mas não deve ser necessariamente tomado como *fruto* de tais relações “naturais” de gênero³⁴. Antes, segundo concebo, projetou-se a partir de uma operação política de um grupo hegemônico de liderança masculina contra um grupo político rival, constituído majoritariamente por mulheres em posição de liderança religiosa. Tratou-se de uma questão política, circunstancialmente compostos os dois lados em conflito de líderes mulheres e líderes homens. Interditar a mulher do espaço religioso significou, nesse caso, desqualificar, em médio prazo, a autoridade político-religiosa da liderança feminina campesina³⁵. Mas essa é uma questão que, sozinha, demanda discussão própria, o que, em termos práticos, indica para mais pesquisas e comunicações acadêmicas.

³⁴ Eu compreendo os limites e os problemas dessa declaração. É tentador, por exemplo, situar o fenômeno estudado no horizonte das discussões gerais a respeito da dominação de homens sobre mulheres (BORDIEUR, 2002). O exercício do domínio masculino sobre o universo feminino é um fato social de difícil superação, e os estudos de gênero e o conceito de misoginia (BUTLER, 2003) são instrumentos teóricos (e políticos!) fundamentais naquela luta a favor da emancipação tanto masculina quanto feminina a que se referiu Bordieure (2002, p. 129). No entanto, o presente artigo desenvolveu-se na forma da investigação ginzbουργuana de indícios muito específicos em Lv 15, os quais podem – e isso depende da procedência teórico-metodológica do exercício – indicar, por parte de sacerdotes pós-exílicos, um golpe em relação ao poder que até então era exercido por contingentes significativos de profetisas e sacerdotisas em Judá. O caráter indiciário (e especulativo) do fenômeno já é por si mesmo demandador de prudência. Transformar os indícios analisados na evidência, agora, da atualização histórica do conflito universal entre os sexos e/ou os gêneros parece um passo apressado demais, que, por absoluta precaução, se recusa, aqui, a dar. Caso se tratasse de *apenas* uma questão de gênero – homens odeiam mulheres! –, então deveria ser razoável imaginar que os sacerdotes entraram em conflito apenas com mulheres, porque eram *mulheres*, o que não é verdade, já que os referidos sacerdotes, a rigor, silenciaram a profecia como um todo, e não apenas a profecia feminina (cf. Zc 13; GALLAZZI, 2002). Além disso, caso a liderança campesina não fosse constituída, como se cogita, de mulheres, mas apenas de homens, sustentar o fenômeno por meio da teoria de gênero significaria dizer que os sacerdotes não se movimentariam para tomar o poder, porque, nesse caso, ele já era exercido por homens, e não por mulheres, e dado que a luta dos sacerdotes seria contra mulheres, mas não contra homens, então a luta pelo poder não se teria dado. O pesquisador não se sente à vontade para sustentar uma declaração desse tipo. O que, todavia, não significa, em nenhum grau, qualquer consideração quanto à improcedência dos estudos e, mais, da própria teoria de gênero, e muito menos deve provocar a conclusão de que o fenômeno aqui investigado não merece ser reavaliado em detalhes e mais profundamente por meio da referida teoria.

³⁵ Para uma aproximação ao tema do papel da mulher na Bíblia Hebraica e nos antigos Israel e Judá, cf. ACHERMAN, 2016, que além de traçar minucioso cenário do papel das mulheres no exercício de liderança religiosa, indica para bibliografia específica sobre o tema.

Conclusão

Por ora, é preciso assentar o argumento, sintetizar os resultados e apontar os procedimentos necessários à continuidade da pesquisa. Quanto ao argumento, tratou-se de, por hipótese indiciária, postular um estágio pré-sacerdotal de Lv 15, o qual, ao contrário do estágio sacerdotal, constituía um absolutamente equilibrado e isométrico quadro prescricional para consideração de estados equivalentes de tabus genitais masculinos e femininos. Tudo, no indiciariamente hipotético texto original, recendia equivalência. Uma seção para doença venérea masculina e uma seção para doença venérea feminina, uma seção masculina para ejaculação solitária e uma seção feminina para menstruação, e, finalmente, uma seção, central, para a relação sexual de homem e mulher. Nesse estágio original, de um lado, a raiz **זז** designava apenas a condição patológica venérea, tanto masculina quanto feminina, e, de outro lado, não havia a prescrição para casos de disfunção hemorrágica genital feminina. A partir dos indícios apontados, concebeu-se a hipótese de uma reformulação redacional sacerdotal, cujo objetivo tático-estratégico foi a transformação da seção feminina da lei em uma universalizante e exclusiva prescrição da impureza universal do sangue ginecológico feminino. Para tanto, procederam-se a acréscimos às seções femininas, transformando a “*zavab*” (“a que tem fluxo”) em “*zavab dam*” (“a que tem fluxo de sangue”), substituindo a prescrição para a patologia venérea em prescrição para menstruação e, como a segunda parte da lei já tratava de menstruação, transformando esta em prescrição para a disfunção hemorrágica genital feminina. Estrategicamente, deforma-se a isometria da lei. É curioso notar como um *ethos* tão preocupado com equilíbrio (WALTON, 2001, p. 293-304) possa ter promovido tão acintoso desequilíbrio, concentrando a retórica de impureza sobre a mulher e fabricando um instrumento para a interdição dessa mulher ao serviço religioso no templo. Tal interdição se explica pelo fato de, na disputa pela liderança religiosa do campesinato pós-exílico, terem se enfrentado, de um lado, a casta sacerdotal da *golab*, e, de outro, o contingente de liderança feminina, que, tendo permanecido na terra, enfrentou o processo de hegemonização político-religiosa dos deportados retornantes, tendo perdido a batalha. Levítico 15 constitui um vestígio dessa batalha – o instrumento retórico de catequese destinado à população judaíta pós-exílica, a partir de cuja audição se teve acesso à declaração de que toda mulher que sangra o sangue que toda mulher sangra é impura, e, sendo impura, não pode comparecer diante de Yahweh...

Como tarefa a ser realizada, permanecem duas. Uma, técnica: a análise apurada de Levítico 15, na tentativa de recuperar detalhadamente a condição original da lei. Outra, histórico-hermenêutica: reconstituir o contexto de enfrentamento entre a liderança campesina feminina e a *golab*.

Referências

- ACKERMAN, S. Women in Ancient Israel and the Hebrew Bible. *Oxford Research Encyclopedia of Religion*, 2016.
- ALONSO-SHCÖKEL, L. Dicionário hebraico-português e aramaico-português. São Paulo: Paulus, 1997.
- BHARTIYA, A. Menstruation, Religion and Society. *International Journal of Social Science and Humanity*, v. 3, n. 6, 2013, p. 523-527.
- BEREZIN, R. *Dicionário hebraico-português*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- BIBB, B. D. Ritual Words and Narrative Worlds in the Book of Leviticus. London, New York: T&T Clark, 2009.
- BIGGER, S. F. *The Family Laws of Leviticus 18 in Their Setting*. *Journal of Biblical Literature*, v. 98, n. 2, 1979, p. 187-203.
- BUTLER, J. P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BROWN, F., DRIVER, S. R. e BRIGGS, C. A. The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon. Snowball, 2010.
- CHOURAQUI, A. *A Bíblia. Ele chama... (Levítico)*. São Paulo: Imago, 1996.
- CLINES, David J. A. *The Dictionary of classical Hebrew*. Volume III. ṯ – ṿ. Sheffield: Sheffield Academic, 1996.
- ECO, U. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FEYERABEND, K. *A complete Hebrew-English Pocket-Dictionary to the Old Testament*. 3rd. ed. Berlin: Verlagsbuchhandlung, 1910.
- GALLAZZI, S. *A Teocracia sadocita*. Sua história e ideologia. Macapá, Gallazzi, 2002.
- GEHRING, René. Is Sexuality Impure? An Alternative Interpretation of Leviticus 15:18. *Journal of the Adventist Theological Society*, v. 24, n. 2, 2013, p. 75-115.
- GERSTENBERGER, E. S. *Leviticus: A Commentary*. Louisville e London: Westminster John Knox Press, 1996.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. Em: GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-188.

GINZBURG, C. *Relações de força*. História, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HANSON, K. C. Blood and Purity in Leviticus and Revelation. *Journal of Religion and Culture*, n. 28, 1993, p. 215-230.

HOLLADAY, W. L. *Léxico hebraico e aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KAZEN, T. Explaining discrepancies in the purity laws on discharges. *Revue Biblique*, v. 114, n. 3, 2007, p. 348-371.

KRIST, N., KILPP, N. SHWANTES, N., RAYMANN, A. e ZIMMER, R. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. 27a ed. São Leopoldo: Sinodal e Petrópolis: Vozes, 2013.

LEE, S. N. Characteristics of the Discharge in Leviticus 15. *Journal of Biblical Text Research*, v. 17, 2005, p. 72-93.

MAGONET, J. “But if is a girl, she is unclean for twice seven days...” The riddle of Leviticus 12.5. Em: SAWYER, J. F. (ed). *Reading Leviticus*. A conversation with Mary Douglas. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, p. 144-152.

MEACHAM, T. An abbreviated history of development of the Jewish menstrual law. Em: WASSERFAL, R. R. (ed). *Women and water*. Menstruation in Jewish life and law. Hanover e London: Breideis University, 1999, p. 23-39.

MITCHEL, L. A., PINTO, C. O. C. e METZGER, B. M. *Pequeno dicionário de línguas bíblicas: hebraico e grego*. São Paulo: Vida Nova, 2002.

NEUENFELDT, E. G. Menstruação, parto e impureza no Levítico: controle de corpos e líquidos das mulheres. *Estudos Bíblicos*, n. 66, p. 29-35, 2000.

NIDDAH. *Hebrew-English edition of the Babylonian Talmud*. London: The Soncino Press, 1989.

NONATO, E. do R. S. *Hipertexto e hiperleitura*. Contribuições para uma teoria do hipertexto. Tese (Doutorado) – Doutorado Multiinstitucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (UFBA/UNEB/UEFS/ LNCC/SENAI), Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

PHIPPS, W. E. The menstrual taboo in the Judeo-Christian tradition. *Journal of Religion and Health*, v. 19, n. 4, 1980, p. 298-303.

RADNER, E. *Leviticus*. Grand Rapids: Brazos, 2008.

RASHI. *Chumash com comentários de Rasbi*. Vaikrá. São Paulo: Trejger, 1993.

REIMER, H. Sobre a *intentio operis* de Umberto Eco. *Protestantismo em Revista*, n. 23, 2010, p. 68-74.

RIBEIRO, O. L. Sangue e vômito. Reinscrição transgressiva em Is 4,2-6. *Estudos Teológicos*, v. 52, n. 1, 2012, p. 114-127.

ROBERTS, T.-A.; GOLDENBERG, J. L.; POWER, C. e PYSZCZYNSKI, T. “Feminine protection”: the effects of menstruation on attitudes towards women. *Psychology of Women Quarterly*, n. 26, 2002, 131–139.

RUANE, N. J. *Sacrifice and Gender in Biblical Law*. New York: Cambridge, 2013.

SELVIDGE, M. J. Mark 5:25-34 and Leviticus 15:19-20: A Reaction to Restrictive Purity Regulations. *Journal of Biblical Literature*, v. 103, n. 4, 1984, p. 619-623.

STEVENS JR., P. Women’s Aggressive Use of Genital Power. *Transcultural Psychiatry*, v. 43, n. 4, 2006, p. 592-599.

SPRINKLE, J. M. The rationale of the laws of clean and unclean in the Old Testament. *Journal of the Evangelical Theological Society*, v. 43, n. 4, 2000, p. 637-657.

VAN DER ZWAN, P. Some psychoanalytical meanings of the skin in Leviticus 13-14. *Verbum et Ecclesia*, v. 37, n. 1, 2016, p. 1-10.

WALTON, J. H. Equilibrium and the Sacred Compass: The Structure of Leviticus. *Bulletin for Biblical Research*, v. 11, n. 2, 2001, p. 293-304.

WARNING, W. *Literary Artistry in Leviticus*. Leiden, Boston, Köln: Brill, 1999.

WEGNER, J. R. “Coming before the Lord”: the exclusion of women from the public domain of the Israelite priestly cult. Em: RENDTORFF, R., KUKLER, R. A e BARTEL, S. S. *The Book of Leviticus*. Composition and reception. Leiden e Boston: Brill, 2003, p. 451-466.

WILLCOX, R. R. Venereal disease in the Bible. *British Journal of Venereal Diseases*, v. 25, n. 1, 1949, p. 28-33.